

# Conversa com o editor

Etienne Alfred Higué

Este segundo número de 2014 contém oito artigos e duas resenhas. Os quatro primeiros artigos estão de certo modo relacionados com o 20º Seminário em diálogo com o pensamento de Paul Tillich, que aconteceu em maio de 2014, sobre o tema: *Teologia das religiões e pluralismo religioso*. Para Cleber Araújo Souto Baleeiro, autor do artigo *Tillich e a teologia do pluralismo religioso*, Tillich não foi um teólogo das religiões e nunca elaborou uma teologia do pluralismo. Ele foi principalmente um teólogo sistemático e um teólogo da cultura. Entretanto, sua reflexão sobre a relação entre o cristianismo e as outras religiões contribuiu significativamente para a atual discussão sobre a teologia do pluralismo religioso. Dois de seus textos que mais se aproximam do tema são a conferência *O significado da história das religiões para o teólogo sistemático*, de 1965, e a série de quatro conferências sobre o tema *O cristianismo e o encontro das religiões mundiais*, de 1961. O autor pretende, a partir desses dois textos, refletir sobre as contribuições de Tillich à discussão em torno de uma teologia do pluralismo religioso, reconhecendo os limites de sua teologia e destacando as aberturas que ela possibilitou em sua época, de maneira especial, através da forma como ele interpreta o evento cristão da encarnação como símbolo da universalidade da experiência de revelação e salvação.

Em *A coragem de morrer: análise de aspectos da morte entre o cristianismo e o budismo amidista*, Elton Vinicius Sadao Tada tem como intenção colocar em diálogo a noção de morte do budismo amidista japonês com noções cristãs sobre a morte. Para tanto ele apresenta, primeiro, alguns traços do pensamento de Hōnen Shonin e da Jodo Shu e, em seguida, aspectos gerais sobre a morte no cristianismo. Por fim são relacionados olhares amidistas e cristãos sobre a morte e questionados

sob o conceito tillichiano de ansiedade da morte e do destino. Assim, constrói-se uma perspectiva inter-religiosa sobre a coragem de morrer e a esperança da vida após a morte.

O texto de Etienne A. Higuët, *Falar de Deus no limite dos tempos: a contribuição de Paul Tillich à superação do teísmo na modernidade tardia*, divide-se em quatro partes e uma conclusão. Na primeira parte, considera a crítica de Tillich ao supranaturalismo e ao teísmo e a sua superação no “teísmo transcendido” e na “fé absoluta”, que se expressa na metáfora do “Deus acima de Deus”. A crítica do teísmo exige uma reinterpretação das chamadas “provas da existência de Deus”, objeto da segunda parte. A terceira parte pretende mostrar que só se pode falar de Deus numa linguagem simbólica, mas que os símbolos do divino se fundamentam no conceito não simbólico de “ser-em-si” (*being itself*). Na quarta parte, discute-se a concepção ontológica de Deus em Tillich, as dificuldades que ela apresenta e as possibilidades que ela oferece em vista de uma superação da ontoteologia em que se apoiou a maior parte da teologia cristã. Enfim, na conclusão, procura-se mostrar a antecipação, no pensamento de Tillich, do projeto de uma espiritualidade leiga, sem crenças, sem religiões, sem deuses (Marià Corbí).

O quarto artigo trata de uma religião secular. O trabalho de Thiago Rafael Englert Kelm, *O capitalismo como religião visto a luz do conceito de demônico em Paul Tillich*, busca fazer uma leitura do capitalismo como religião a partir do conceito do demônico em Paul Tillich. Na teologia de Tillich, o demônico é visto como a elevação de algo finito ao status de infinito, ele possui aspectos criativos e destrutivos e apresenta traços religiosos, mesmo que a aparência seja moral ou cultural. Nesse sentido, o capitalismo pode se mostrar como demônico, e ser analisado religiosamente. Ele possui características criativas, como o progresso nas questões técnicas e científicas, e características destrutivas, como a reivindicação de ultimidade e a coisificação do ser humano. Tillich fala sobre a possibilidade de superação dos poderes demoníacos através de uma perspectiva de Vida Eterna, mas afirma que este não é um resultado garantido, pois sempre irão aparecer novos poderes demoníacos.

Os dois artigos seguintes, sobre pintura e literatura, remetem à teologia da arte de Tillich para analisar obras de arte contemporâneas. Em *Paul Tillich e a pintura amazônica de Antonieta Santos Feio*:

*Interfaces entre a arte e a religião na tela Mendiga (1951)*, Francisco Augusto Lima Paes se propõe a analisar a tela da artista paraense Antonieta Santos Feio (1897-1980): *Mendiga* (1951), integrante do acervo do Museu de Arte de Belém-PA, à luz da Teologia da Cultura de Paul Tillich, estabelecendo um diálogo com uma revisão bibliográfica referente à temática. Tendo a obra de arte como matéria-prima, procura-se suscitar um olhar mais reflexivo acerca das diversas relações que envolvem o sujeito social retratado e as várias possibilidades hermenêuticas que a obra de arte nos possibilita e, de modo específico, a partir das perspectivas teóricas dos estudos tillichianos, principalmente, na dimensão religiosa e simbólica, a fim de estabelecer interfaces entre arte e religião a partir da tela *Mendiga*.

*O corpo e o poder: uma análise (possível?) do poder corporal de dona Flor a partir da reflexão de Paul Tillich*, é o título da contribuição de Wanderson Salvador Francisco de Andrade Campos. Trata-se de analisar a relação entre o corpo e o poder. O corpo, que é o meio pelo qual se interage com o mundo e com os outros corpos, e o poder que surge dessas relações, são elementos que brotam diante de nossos olhos na literatura de Jorge Amado, especialmente na segunda fase. Esses dois elementos tocam nossa existência dentro e fora das páginas literárias e nos romances de Jorge Amado. Isso fica claro na vida de uma de suas personagens mais famosas, dona Flor, do romance *Dona Flor e seus dois maridos*. O envolvimento corporal dessa mulher com seus dois maridos mostra como o poder que marca nossos corpos surge dessa interação, mas a vida de Flor também nos ensina como esse poder se choca com as estruturas sociais construídas. O autor acredita que essa visão é fundamental para a reflexão teológica sobre o ser humano nos dias de hoje.

O artigo de Elias Gomes da Silva adentra o campo da filosofia, com o título: *Kierkegaard e Tillich: possibilidades que se abrem*. “Fomos todos fascinados por Kierkegaard”, afirma Tillich. Com esta expressão, já é possível – pelo menos em tese – perceber o suposto impacto do pensamento do filósofo sobre a obra do teólogo. Haveria nisso um elogio aberto ou simplesmente o reflexo de um autor que sempre vivenciou sua produção acadêmica na região de fronteira? Seja pelo sim ou não, o artigo procura demonstrar de maneira *compacta, concisa*

e *dialogal*, algumas das possíveis influências de Søren Kierkegaard sobre Paul Tillich, e como, a partir das mesmas, é possível vislumbrar aportes teóricos e possibilidades de pesquisas.

O último artigo aborda uma questão de método em teologia: *Método teológico da libertação e método da correlação: desenvolvimento da textura crítica das metodologias teológicas em Juan Luis Segundo e Paul Tillich*. A pesquisa de Paulo Ronaldo Braga Leal intenta, por meio de um olhar comparativo e crítico, apresentar a constituição dos métodos teológicos em Juan Luis Segundo e o teólogo teuto-americano Paul Tillich. O preâmbulo que se pretende é conduzir aportes comparativos entre os dois teólogos. Tendo em vista que ambos partem de formulações constitutivas contrariando, a seu modo *sui generis*, aspectos tradicionais da teologia, objetivando novos modelos de análise teológica da condição humana.

A revista encerra-se com duas resenhas: *É possível o ensino do fenômeno religioso na escola pública?* por Alonso de Souza Gonçalves, e *O capitalismo não é uma religião*, por Etienne A. Higuët. Enfim, trazemos algumas notícias. Desejamos, a todas e a todos, uma boa leitura deste número que mostra, mais uma vez, a diversidade de perspectivas autorizadas pelo pensamento de Paul Tillich, e a atualidade do mesmo, aos cinquenta anos do seu falecimento.